DESVIOS NA PAISAGEM: ARTE, ESPAÇOS CULTURAIS E PANDEMIA[1]

Rafael Nunes Menezes[2], Elaine Schmidlin[3].

[1] Vinculado ao projeto "paisagens pedagógicas";
[2] Acadêmico do Curso de Artes Visuais – CEART – Bolsista PROBIC;
[3] Orientadora, Departamento de Artes Visuais – CEART – elaine.schmidlin@udesc.br.

Este projeto ensaia um pensamento que possa contribuir com a graduação de Licenciatura em Artes Visuais à medida que suas pistas cartográficas podem oferecer subsídios para potencializar o exercício docente em sua multiplicidade, tanto na esfera formal quanto na não formal. Cabe considerar que a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), na qual a pesquisa se vincula, é a principal instituição de formação em artes (a nível de graduação e pós-graduação dos docentes) no Estado de Santa Catarina. Este relato refere-se, especificamente, ao campo das artes visuais, vinculada ao projeto "paisagens pedagógicas" que se debruça sobre metodologias e questões pedagógicas em práticas docentes em escolas e, no presente momento, em meio a pandemia de COVID-19, também a espaços culturais.

Em 2018, com base em entrevistas junto às escolas públicas do município de Florianópolis (SC), tabelas foram criadas e dados foram agrupados: 18 dos 38 espaços pesquisados não possuem sala de aula específica para a aula de artes; o acesso ao material é restrito ao "apenas o básico" ou "pouco". Tais dados desdobraram-se na pesquisa intitulada "traçados iniciais" apresentada no 28º SIC/UDESC.

Em 2019, inquietações sobre as relações entre as práticas pedagógicas e a subjetividade que atravessa a docência criaram reflexões sobre a necessidade de pesquisar a seleção de conteúdo em Artes Visuais que professores levam para a sala de aula. Esta pesquisa apontou para escolhas pedagógicas ditadas por livros didáticos, pela história da arte, pela matriz curricular das instituições e pela experiência do docente (questões de gosto e/ou modelos vivenciados em sua formação). Tais dados foram apresentados no 29º SIC/UDESC.

Em 2020, a pandemia de COVID-19 afetou o andamento dos calendários das instituições nacionais e, também, desta pesquisa: rotinas foram alteradas, aulas foram suspensas e as redes sociais se estabeleceram como desvio pela impossibilidade do encontro presencial. Nesse momento, percebeu-se que as páginas eletrônicas de espaços culturais e museus se adaptaram rapidamente no que tange a dinâmica de difusão de informações sobre arte e outros modos de ir e vir nesses locais.

A pesquisa, que até aquele momento, só contemplava dados do ensino formal de artes visuais em modo presencial, acabou gerando questionamentos sobre o que se passava no ensino não formal de arte. Logo, a entrevista dos anos anteriores poderia ser um meio de investigação para as práticas educacionais em arte nesses espaços: ela, então, foi adaptada para incluir questões sobre o plano museológico e a ação educativa das instituições, arte e pandemia, dividida em três blocos, 1) sobre a instituição; 2) sobre a formação do responsável pela ação educativa; e 3) mudanças frente à pandemia.

Até o momento seis instituições culturais (neste texto, optou-se por preservar o nome da instituição) colaboram com a pesquisa, sendo cinco públicas e uma privada. Todas as instituições

possuem planos museológicos que contemplam o planejamento da ação educativa. A instituição *A*, embora não tenha um Plano Pedagógico de Ação Educativa, baseia-se na Política Nacional de Educação em Museu (PNEM, 2017) como "âncora", na proposta de "educação para uma compreensão crítica da arte" de Teresinha Franz (2003, 2006) e nas investigações dos "conceitos de mediação" de Miriam Celeste Martins (2005). As instituições *B* e *E* estão a elaborar seus planos de ações educativas. Por outro lado, a instituição *C* possui o Núcleo de Ação Educativa com base na "pedagogia de Paulo Freire (valoração cultural, diálogo e reflexão crítica)". A instituição *D* não possui um plano. A *F* orienta-se pelas "premissas da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa" e de textos de Miriam Celeste Martins. Percebe-se por essas informações que os responsáveis estão cientes das questões conceituais, metodológicas e pedagógicas necessárias ao planejamento educativo.

Dos entrevistados, quatro mediadores possuem graduação em Artes Visuais pela UDESC, reafirmando a Instituição como principal formadora de profissionais no Estado, e dois são graduados em Ciências Sociais, um pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e outro pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); quanto a prática artística, quatro não a desenvolvem e dois a desenvolvem, respectivamente, fotografia digital e pintura. Sobre o acesso a mídias de outros espaços culturais, todos responderam com uma lista de endereços eletrônicos de espaços como Louvre, MoMa, Van Gogh Museum, MASP, MASC, Espaço Cultural Armazém, MuseuAfro e páginas de artistas locais catarinenses.

Salienta-se que a pandemia afetou os calendários de exposições de todos os espaços pesquisados. A instituição *A* adaptou seu programa de oficinas presenciais para o modelo virtual e segue oferecendo atividades para o público infantil, infanto-juvenil e adulto, disponibilizando em seu endereço eletrônico materiais digitais de suas exposições. *B*, por outro lado, realizou exposições virtuais, incluindo mostras não previstas. As instituições *C* e *E* partem de seus acervos para postagens em redes sociais, com a finalidade de se aproximar do público. A *F* implantou uma agenda de atividades em modo virtual.

As dificuldades relatadas pelos profissionais das instituições até o momento foram: a demanda para criar materiais virtuais ou adaptar os projetos já existentes para modo remoto. Todos os espaços relatam um crescimento expressivo em suas visualizações, *likes* e comentários nas diversas redes sociais e em seus *sites* oficiais. No entanto, demonstram saber que essas atividades incluem apenas um público específico com acesso à internet. O desafio é como não inviabilizar (ainda mais) o acesso do público à cultura, principalmente em um cenário pós-pandemia.

A pesquisa, embora com dificuldades, conseguiu estabelecer a importância da ação educativa nos espaços culturais para a formação do público em geral e para o ensino de arte nas escolas. Salienta-se, ainda, a contribuição para a formação inicial nesta área, uma vez que as questões apontadas por esta pesquisa foram relevantes para a disciplina intitulada "Ação educativa em espaços culturais" oferecida, de modo remoto, para os estudantes da 6ª Fase do curso de Licenciatura em Artes Visuais (CEART/UDESC), ministrada pela orientadora desta pesquisa.

Palavras-chave: Arte. Espaços Culturais. Pandemia.